

A ameaça do animalesco ante a humanidade: uma leitura de Cem Anos de Solidão sob a luz da filosofia de Adorno e Horkheimer

La amenaza del animalesco para la humanidad: una lectura de Cien años de soledad a la luz de la filosofía de Adorno y Horkheimer

Lorena Gonçalves Oliveira¹

Resumo

Importa realizar a leitura do excerto do romance *Cem Anos de Solidão* do colombiano Gabriel García Marquez, em que as personagens encontram-se em conflito em face da iminência de gerarem filhos animalescos, sob a luz da filosofia de Adorno e Horkheimer, uma vez que enseja a reflexão sobre a natureza da existência humana, ao passo que a humanidade parece sustentar-se no antagonismo ante aquilo que é o animal, aspecto bem apreciado quando nota-se que a cultura ocidental criou na figura da metamorfose uma espécie de castigo, posto que a sustentação do que é ser humano se dá a partir da negação das formas não racionais de vida. Para mais, a análise se estende para o campo em que a mesma dinâmica de dicotomia, entre o racional e a pulsão, passa a se aplicar na subjugação de mulheres à posição de ser inferior, também refletida na obra literária quando uma das personagens passa a utilizar uma vestimenta que prima pela castidade, de modo a evitar a gestação de filhos metamorfoseados. O presente trabalho objetiva explicitar como os questionamentos filosóficos estão estampados no escrito do autor latino-americano, bem como o que tais problemáticas e respostas revelam sobre a cultura da população. Para tanto, foi utilizada a metodologia de revisão bibliográfica. A pesquisa identificou na filosofia aspectos coerentes com aqueles abordados na literatura.

Palavras-Chave: Cem Anos de Solidão; filosofia; literatura; metamorfose; natureza humana.

Resumen

Es importante leer el fragmento de la novela *Cem Anos de Solidão* del colombiano Gabriel García Márquez, en el que los personajes se encuentran en conflicto ante la inminencia de tener hijos animalescos, a la luz de la filosofía de Adorno y Horkheimer, como se desprende una reflexión sobre la naturaleza de la existencia humana, mientras que la humanidad parece sustentarse en el antagonismo hacia lo animal, aspecto que se aprecia bien cuando observamos que la cultura occidental creó una especie de castigo en la figura de la metamorfosis, ya que el sustento de lo que es ser humano proviene de la negación de formas de vida no racionales. Además, el análisis se extiende al campo en el que la misma dinámica de dicotomía, entre lo racional y lo pulsional, comienza a aplicarse en el sometimiento de la mujer a la posición de inferioridad, reflejada también en la obra literaria cuando uno de los personajes se convierte use una prenda que se esfuerce por la castidad, para evitar el embarazo de niños metamorfoseados. El presente trabajo tiene como objetivo explicar cómo las cuestiones filosóficas están estampadas en la escritura del autor latinoamericano, así como qué revelan tales problemas y respuestas sobre la cultura de la población. Entonces, utilizamos la metodología de revisión bibliográfica. La investigación identificó en filosofía aspectos consistentes con aquellos abordados en la literatura.

Palabras claves: Cien Años de Soledad; filosofía; literatura; metamorfosis; naturaleza humana.

1. Introdução

1.1 Contextualização

É no segundo capítulo do romance *Cem Anos de Solidão* que Gabriel García Marquez explicita a latente preocupação humana em tornar-se animal. Para além da apreciação literária

¹ Acadêmica de filosofia; Universidade Presbiteriana Mackenzie; Campo Grande, Mato Grosso do Sul, Brasil; lorenagoliveira15@gmail.com.

da obra, que em consonância com as demais pertencentes ao conjunto do autor, trouxe o primeiro prêmio Nobel de literatura para o povo latino-americano, a aventura experienciada ao entrar em contato com as palavras do colombiano traz consigo os inegáveis meandros filosóficos que permeiam a narrativa, sobretudo, na fantasia apavorante pela qual os Buendía são acometidos pela iminência de gerarem filhos animais. O excerto da história reflete não apenas o brilhantismo de seu autor, mas questionamentos metafísicos tão antigos quanto a solidão em Macondo, razão pela qual interessa estudar de maneira aprofundada o que há nessa urgência do pavor contido no devir que vivencia o homem, quando no todo ou em partes, vem a ser um animal, sobre a própria natureza humana.

Insta salientar a importância de reanalisar tais fatores concernentes à filosofia inerente à literatura amparada também sob o viés histórico-cultural do povo latino-americano, fortemente marcado pelas consequências pós-coloniais refletidas, dentre outras agruras, na cultura que em determinados aspectos mostra-se misógina, a exemplo da repressão vivida por Úrsula em seus primeiros meses de matrimônio durante a história. O estudo mostra-se relevante, portanto, ao argumento da necessidade em investigar respostas culturais aos problemas filosóficos, mas também legitimar a vasta produção literária dos conterrâneos que possuem intrinsecamente discussões sobre problemas sociais expressivos e provocações delicadas sobre as nuances da natureza do homem, que coexistem de forma contemporânea.

1.2 Objetivos

O objetivo da experiência de pesquisa foi em sentido amplo aprofundar os estudos filosóficos analíticos da literatura produzida na América Latina, bem como desvendar as questões mais essencialmente humanas que povoam o romance de Gabriel García Márquez. Para mais, em sentido estrito, explicitar sob a luz da filosofia de Adorno e Horkheimer, o que em Cem Anos de Solidão estampa os deslindes da relação estabelecida entre a cultura ocidental e a dicotomia entre a humanidade e o animal, e além disso, demonstrar como as dinâmicas estabelecidas pelas soluções culturais para as questões pertinentes ao tema podem, por meio de simbologias, desvelar problemáticas sociais marcadamente latino-americanas, ao passo que a obra analisada fora escrita sobre e para o povo latino.

1.3 Metodologia

Em razão disso, pode-se concluir que a experiência na pesquisa filosófica analítica da literatura se mostra fundamental para a compreensão histórica dos questionamentos filosóficos postos culturalmente pelo povo da América Latina. Por conseguinte, sob tal perspectiva foi realizada a adoção da metodologia hipotético-dedutiva, calcada na prática de revisão bibliográfica de fontes secundárias como trabalhos acadêmicos, livros, artigos, ensaios e afins.

2. Resultados e discussões

Pois bem, a relação amorosa construída no romance entre as personagens Úrsula e José Arcádio é transpassada pelo entrave moral incestuoso, posto que eram primos. Ocorre que, embora desde a tenra infância ambos manifestassem o desejo de unirem-se em matrimônio, postulava contra o intuito a família, temerosa de que pudessem porventura gerarem iguanas como frutos de seu casamento. Tal preocupação fundava-se sobretudo em um precedente vivido pelos antecessores, uma vez que outrora, um familiar antigo, fruto do mesmo entrave pecaminoso, havia vindo ao mundo com uma cauda cartilaginosa na forma de saca-rolha e com uma escovinha de pelos na ponta, em outras palavras, um rabo de porco que

o acompanhou durante seus quarenta e dois anos de vida, destino que poderia o casal enfrentar em face do incesto (MARQUEZ, 1967).

Nesta senda, insta destaque ao fato de que segundo Adorno e Horkheimer (1985), a história da antropologia ocidental solidificou o conceito de homem justamente na oposição ao animal, a dignidade do ser humano se amparou na contraposição ao animalesco. Nesse sentido, enquanto a vida animal se edifica em pulsões, ausente qualquer ideia que as transcenda, o homem exsurge sob a égide racional, o conhecimento traduzido na linguagem é aquilo que marca a cisão entre as duas formas de existência. Nota-se tal latência nas palavras da própria personagem do romance analisado: “não me importa ter leitões, desde que consigam falar” (MARQUEZ, 1967, p. 27). Diante disso, Adorno e Horkheimer (1985), discorrem ainda sobre a ideia de que a possibilidade, ainda que remota, de tornar animalesco aquilo que é ou deveria ser humano, mostra-se inevitavelmente temerosa ao homem, sobretudo porque carrega em si uma simbologia de castigo:

A transformação das pessoas em animais como castigo é um tema constante dos contos infantis de todas as nações. Estar encantado no corpo de um animal equivale a uma condenação. Para as crianças e os diferentes povos, a ideia de semelhantes metamorfoses é imediatamente compreensível e familiar. Também a crença na transmigração das almas, nas mais antigas culturas, considera a figura animal como um castigo e um tormento. A muda ferocidade no olhar do tigre dá testemunho do mesmo horror que as pessoas receavam nessa transformação. Todo animal recorda uma desgraça infinita ocorrida em tempos primitivos.

Pode-se notar da análise do excerto do romance em face da filosofia exposta que intrínseco ao problema do incesto e as possíveis derivações biológicas daí decorrentes transborda uma questão primária concernente no que é ser humano. O imaginário social expresso no segundo capítulo de Cem Anos de Solidão transcreve o medo primário do homem que se vê ameaçado pela possibilidade de tornar-se um animal, posto que nessa situação absurda se encontraria desamparado da única cisão simbólica que o dignifica como diferente do animalesco. Nesse caminho, a ameaça de se ver metamorfoseado é também uma provocação que atinge uma pergunta essencialmente humana, qual seja, a natureza da sua própria existência, que apenas se sustenta como autêntica quando comparada a outra forma de vida que não transcende ideias.

Para mais, a narrativa de Marquez (1967) segue ao passo que Úrsula e José Arcádio se casam, entretanto, a esposa aterrorizada pela possibilidade de gerar animais, passou a vestir todas as noites uma vestimenta de lona de veleiro, fechada por correias entrecruzadas, uma espécie de cinto de castidade em virtude de seu temor em ser violada pelo próprio marido enquanto dormia, e por consequência, engravidar de filhos animalescos como a sua família havia alertado. Nota-se que para além da questão metafísica que ronda a história em uma leitura primeva, uma vez estabelecidas as preocupações humanas acerca da natureza de sua realidade enquanto ser, uma segunda camada filosófica exsurge quando a responsabilidade por esse descaminho recai sobre a mulher, que de todas as formas, resiste ao ato sexual que lhe é cobrado em virtude do casamento.

Sobre a temática, de acordo com Adorno e Horkheimer (1985), pode se considerar que a mesma figura animalesca representada para estabelecer a definição do ser humano, fora

aplicada em face da mulher pela civilização ocidental, que a relegou para uma posição de inferioridade digna daqueles seres que não são dotados de razão, de modo que a cultura se encarregou de domesticar as pulsões femininas, subjugar às margens da submissão as mulheres por meios diversos e onipresentes, a exemplo da igreja, filosofia, burguesia. Portanto, do mesmo modo que a humanidade se debruça no animalesco para se sustentar, a mulher em seu estado de submissão traduz para o vencedor a sua vitória. Destarte, pode-se concluir que é sobre o não-ser materializado em determinado objeto, que o ser se ampara e se planifica, em uma dialética em que inevitavelmente figuram um ser inferior, e outro superior.

3. Considerações Finais

Pois bem, interessa à academia latino-americana dispensar atenção aos reflexos filosófico-culturais estampados nas obras literárias produzidas por autores locais reconhecidos. Isso porque, a análise que se faz traduz questionamentos profundos e primevos em relação aos aspectos metafísicos que transpassam a materialidade humanas, mas também, carregam consigo determinações culturais específicas traduzidas em contextos patriarcais e misóginos por natureza, que inevitavelmente se espelham nas realidades vivenciadas por essas mulheres latinas que, em suas próprias histórias, personificam as personagens literárias e filosóficas supracitadas. Portanto, para que qualquer aplicabilidade social possa ser consumada de dentro para fora da academia, indispensável a revisão bibliográfica local como um ponto de partida.

Referências

ADORNO, T.; HORKHEIMER M., *Dialética do esclarecimento*: fragmentos filosóficos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985. 224 p.

MARQUEZ, G. *Cem anos de solidão*. 113ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2020. 446 p.